

**GEOGRAFIAS FEMINISTAS E INTERSECCIONALIDADE COMO
METODOLOGIAS PARA LER E ESTAR NO MUNDO: INVESTIGANDO
MULHERES TORCEDORAS DE FUTEBOL E O MACHISMO**

FEMINIST GEOGRAPHIES AND INTERSECTIONALITY AS METHODOLOGIES FOR
READING AND BEING IN THE WORLD:
WOMEN FOOTBALL FANS AND MACHINESHIP

GEOGRAFÍAS FEMINISTAS E INTERSECCIONALIDAD COMO METODOLOGÍAS
PARA LEER Y ESTAR EN EL MUNDO: INVESTIGANDO A LAS FUTBOLISTAS Y LA
MAQUINARIA

Paula Vanessa de Faria Lindo¹

Stéfany Pereira²

Resumo: Pesquisar a interseccionalidade em diferentes categorias nos auxilia a identificar os tipos de opressão sofridos por determinados grupos sociais. Em nosso caso, a identificação das opressões ocorridas vem de um grupo de seis mulheres distintas e de realidades diferentes que se identificam como torcedoras atuantes de dois clubes brasileiros de futebol, especificamente do estado do Rio Grande do Sul, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional. Para identificar e analisar o machismo ocorrido no dia a dia das mulheres torcedoras, em suas respectivas vivências em lugares estigmatizados como masculinos, utilizamos a técnica e ferramenta *Relief Maps*, criada e desenvolvida pela pesquisadora Maria Rodó-de-Zárate. Como resultados, através da criação dos mapas com as torcedoras, aliada às entrevistas, obtivemos a compreensão e a comprovação de violências manifestadas de variadas formas e em diferentes lugares.

Palavras-chave: Geografias Feministas; *Relief maps*; Interseccionalidade; Mulheres; Machismo.

Abstract: Researching the intersectionality in different categories helps us to identify the types of oppression suffered by determined social groups. On our case, the identification of the oppression occurred originates from a group of six distinct women and different realities, who identify as active fans of two brazilian soccer clubs, specifically from the state of Rio Grande do Sul, Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense and Sport Club Internacional. So that we could work

¹ Doutora em Geografia. Pesquisadora e Professora adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Erechim/SC. E-mail: paula.lindo@uffs.edu.br. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/6431721364976487>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-1289-86900>

² Licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Erechim/SC. E-mail: stefanypereira97@gmail.com. Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7244098215240206>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0002-5408-5391>

and identify the sexism which happens in the everyday life of these women fans in their respective life experiences in places stigmatized as male environments, we used the technique and tool of Relief-Maps, created and developed by the researcher Maria Rodó-de-Zárate. As a result, through the creation of the maps with the women fans, combined with the interviews, we obtained the understanding and proof of violence manifested in different ways and places.

Keywords: Feminist Geographies; Relief Maps ; Intersectionality; Women; Machismo; Sexism.

Resumen: Investigar la interseccionalidad en diferentes categorías nos ayuda a identificar los tipos de opresión que sufren determinados grupos sociales. En nuestro caso, la identificación de las opresiones ocurridas proviene de un grupo de seis mujeres diferentes y de diferentes realidades que se identifican como hinchas activas de dos clubes de fútbol brasileños, específicamente del estado de Rio Grande do Sul, Grêmio Foot-Ball Porto Alegre y Sport Club Internacional. Para identificar y analizar el machismo que se presenta en el cotidiano de las hinchadas, en sus respectivas vivencias en lugares estigmatizados como masculinos, se utilizó la técnica y herramienta Mapas en Relieve, creada y desarrollada por la investigadora Maria Rodó-de-Zárate. Como resultado obtuvimos la comprensión y prueba de la violencia manifestada de diferentes formas, en diferentes lugares.

Palabras clave: Geografías Feministas; Mapas en relieve; Interseccionalidad; Mujeres; Machismo.

Introdução

Neste artigo buscamos compartilhar com leitoras e leitores, a partir de uma pesquisa sobre Futebol e Machismo, elementos que denunciam as desigualdades das relações socioespaciais por meio da perspectiva de gênero e das Geografias Feministas. Essas abordagens desenvolvidas por geógrafas buscam compreender e analisar as relações entre gênero, espaço e poder.

Foi nos ensinado que o objetivo da ciência geográfica é estudar e compreender a relação entre os seres humanos e o espaço. Geógrafo(a)s analisam e explicam os padrões espaciais e as interações entre os elementos físicos, sociais, econômicos e culturais do mundo. Isso inclui o estudo da distribuição de recursos naturais, a mudança das paisagens, as migrações populacionais, as transformações urbano-rurais, as dinâmicas territoriais, as relações de poder, entre outros aspectos. E para nós a questão é: quem são estes tais seres humanos?

A crítica feminista à Geografia tradicional está relacionada ao seu foco no sujeito genérico, que é tratado como neutro e desprovido de gênero, raça, classe social e outras características sociais. Essa abordagem ignora a importância da interseccionalidade, que é a interseção e a interconexão das várias formas de opressão e desigualdade, como gênero, raça, classe, sexualidade e assim por diante.

As geografias feministas argumentam que é essencial considerar como essas identidades e relações de poder moldam a maneira como os sujeitos percebem, vivenciam e produzem o espaço. Ao reconhecer a interseccionalidade, a Geografia Feminista busca entender como diferentes grupos sociais enfrentam experiências e desafios distintos em relação ao acesso a recursos, poder e oportunidades no espaço geográfico. Além disso, a Geografia Feminista também critica a ideia de um "olhar masculino" predominante na Geografia Tradicional, que, muitas vezes, marginaliza as perspectivas e experiências das mulheres, reforçando desigualdades de gênero. Essa abordagem busca dar voz às mulheres, questionar e desafiar as estruturas patriarcais de poder presentes no espaço geográfico e na Geografia. Por isso, este texto não deixa de ser uma disputa. Disputa de conceitos, abordagens, de leitura do mundo e de legitimidade.

Cabe lembrar que o poder se manifesta por ocasião da relação com outro, e, nesse caso, essa relação de poder desigual se manifesta mesmo que exista resistência (RAFFESTIN, 1993). Há muitas mulheres confrontando os preconceitos heteronormativos de uma sociedade patriarcal e resistindo a eles. E por que destacar Mulheres? Para evidenciar, exemplificar, denunciar as desigualdades de gênero e a não neutralidade do “ser humano” que produz o espaço.

Também vale ressaltar a pertinência deste tipo de pesquisa ser produzida por mulheres, lembrando mais uma vez de Raffestin (1993) quando aborda a conexão existente entre poder e conhecimento. O que nos levou a evidenciar que existe um conhecimento sobre a mulher no futebol produzido por homens e suas masculinidades, um conhecimento carregado de uma visão que é conivente com o lugar atribuído ao “outro”, ou seja, às Mulheres.

Este texto faz parte da pesquisa realizada entre 2021-2022, que constitui o primeiro trabalho de conclusão de curso (TCC) em Geografia-Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *campus* Erechim, sobre a temática de Gênero e Geografia, intitulado “A narrativa de mulheres torcedoras da dupla grenal e o machismo em suas trajetórias de vida”. O TCC está vinculado ao grupo de pesquisa em Geografia Gênero, Natureza e Vida Cotidiana (GENVI), que iniciou suas atividades como grupo de pesquisa em 2021, almejando ser um espaço de produção acadêmica na interface pesquisa-ensino-extensão a respeito de temas relacionados à vida cotidiana, às questões de gênero e à sexualidade, às representações e à questão ambiental³. Na pesquisa, investigamos o machismo na trajetória de vida de seis

³ Para mais informações consultar: <http://www.uffs.edu.br/genvi>.

mulheres torcedoras de dois clubes futebolísticos do estado do Rio Grande do Sul, Brasil – Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense e *Sport Club* Internacional, os quais, quando disputam partidas, formam a dupla denominada Grenal.

Para identificar e compreender as opressões sofridas ao longo da vida das torcedoras entrevistadas, utilizamos a metodologia de Rodó-De-Zárate (2014) para a construção do *Relief Maps*, com a finalidade de identificar as desigualdades socioespaciais na perspectiva da interseccionalidade, em três dimensões: social (estruturas de poder); geográfica (lugares); psicológica (a experiência vivida e sua narrativa). A dimensão social é composta por estruturas de poder, como raça, gênero, sexualidade, classe e outras que poderão ser definidas de acordo com intenção da investigação. Também usamos a análise de conteúdo das entrevistas de Bardin (1977).

Neste artigo, portanto, compartilhamos a experiência com o *Relief Maps*. Por meio desta metodologia feminista, compreendemos como, nos espaços masculinizados do futebol, mulheres reagem e lutam contra os preconceitos heteronormativos de uma sociedade patriarcal. Segundo Silva (2008, p. 5-6), a heteronormatividade e as hierarquias sexuais precisam ser questionadas para outras realidades serem visíveis. O autor também entende que “na Geografia este pensamento se manifesta nos estudos das chamadas ‘geografia feminista’ e ‘geografia das sexualidades’” (2008, p. 6).

Silva (2007, p. 3), uma de nossas referências teóricas, aponta, em seu artigo “*Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino*”, que a Geografia feminista desafia o conhecimento geográfico via epistemologia e metodologia, com o objetivo de questionar a Geografia hegemonicamente branca e masculina, denunciando as desigualdades de gênero. Ademais, Silva (2007, p. 4) expõe que “a geografia feminista tem contribuído sensivelmente com a geografia cultural contemporânea através da incorporação de gênero, identidade e representação no espaço social”. A autora também comenta que “diferentes espaços podem instituir diferentes performances de corpo”.

A elaboração do referido pensamento levou-nos a questionar a experiência vivida por mulheres torcedoras de futebol e buscar compreender como suas respectivas vivências em diferentes grupos sociais influenciam o modo como elas performam no espaço geográfico. Para isso, seria importante identificar e entender como se manifestam as relações de poder em um meio historicamente construído por homens.

Após pesquisar e estudar referências teóricas como Giulianotti (2002), Trevisan (2019), Bresque (2020), Campos (2006) e Teixeira (2016), para discutir o futebol, Doren Massey

(2008), para compreensão do espaço, Butler (1988), Scott (1995), Silva (2009), Silva, Ornat e Chimin Jr. (2011), Silva e Ornat (2020), para “operacionalizar” e entender as relações de gênero, durante os meses de dezembro 2021 a fevereiro de 2022, entrevistamos seis mulheres torcedoras dos clubes de futebol Grêmio e Internacional. Para tal escolha, utilizamos as variáveis idade, orientação sexual, renda e etnia distintas. Elaboramos questões para entender como elas se conectaram e vivem o mundo do futebol desde a infância até os dias atuais.

A análise dos resultados, por meio das trajetórias individuais, revelou violências de diferentes tipos (psicológica, física, moral etc.). As entrevistadas têm idades que variam de 20 a 34 anos e rendas salariais de menos de um salário-mínimo até quatro salários-mínimos. Três delas identificam-se como bissexuais, duas como heterossexuais e uma como lésbica, e todas se identificam como cisgêneros. Duas se reconhecem como negras e quatro como brancas. Desenvolvemos entrevistas semiestruturadas com treze perguntas que nos auxiliaram na condução do diálogo e no entendimento de quem é cada mulher que torce, vibra, sente e constrói sua territorialidade no meio futebolístico. Trabalhamos com a plataforma *Google Meet* e o *site* da metodologia do *Relief Maps*, no qual cada torcedora construiu seu próprio mapa.

Na sequência, apresentaremos uma discussão sobre desigualdade de gênero, o *Relief Maps* como instrumento de pesquisa e os resultados.

Desigualdades de gênero e “outras” perspectivas

Nos últimos anos, pesquisas e meios de comunicação revelam as desigualdades de gênero na temática mercado de trabalho, educação, violência, etnia, participação política, trabalho doméstico, saúde, entre outros. Estes são alguns exemplo: 1) um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, revelou que mulheres (21,4 h/s) trabalharam uma média de 10,4 horas semanais a mais que homens (11 h/s) em relação aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos das pessoas de 14 anos ou mais de idade; 2) uma pesquisa do Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF) mostrou que meninas entre cinco e 14 anos passam cerca de 550 milhões de horas fazendo tarefas domésticas – 160 milhões de horas a mais do que meninos da mesma idade; 3) outra pesquisa do IPEA, “Mulheres e Trabalho”, de 2016, indicou um alto índice de precarização das atividades desenvolvidas por trabalhadoras negras: 39,08% das mulheres negras ocupadas estão inseridas em relações precárias de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), mulheres brancas (26,9%) e homens brancos (20,6%); 4) o IPEA (2021) revelou que, de acordo com o SIM/Datasus, 3.737

mulheres foram assassinadas no país em 2019, outras 3.756 foram mortas de forma violenta no mesmo ano, mas sem indicação da causa – se homicídio, acidente ou suicídio.

As informações enfatizam diferenças e desigualdades de gênero e raça capazes de revelar desigualdade socioespacial do Brasil. Nesta afirmação, também não há novidades; no entanto, temos nos questionado sobre como a ciência geográfica tem se posicionado diante dos problemas apresentados. Como usar elementos da Geografia para visibilizar e intervir nestas desigualdades? Daí a relevância das geografias feministas que investigam como os sistemas econômicos, políticos e culturais determinam os papéis de gênero nas suas respectivas relações socioespaciais, bem como se dedicam a buscar fontes de informações e métodos de análises capazes de revelar experiências de mulheres e suas respectivas visões de mundo.

Com o objetivo de evitar possíveis confusões conceituais, promover uma leitura do mundo através de uma perspectiva geográfica e ampliar o diálogo com a sociedade e outras subáreas da Geografia, é importante esclarecer nossa compreensão sobre gênero. Com base em referências como Scott (1995), Silva (2009) e Raffestin (1993), entendemos gênero como as diferenças sexuais que são construídas dentro de um contexto histórico-espacial. É importante ressaltar que tais significados e diferenças culturais concretizam relações de poder (de subordinação/dominação) a partir de posições hierárquicas entre corpos que são anatomicamente diferenciados.

Portanto, o conceito de gênero leva em consideração a dimensão cultural da diferença sexual, analisando-a a partir de uma perspectiva da construção social dos papéis desempenhados pelas pessoas. Ele rejeita a naturalização e a construção universal das diferenças entre os sexos biológicos. O conceito de gênero é relacional e processual dentro da estrutura socioespacial à qual pertence. Ele surge das relações de dominação, opressão e/ou cooperação, que transformam as diferenças biológicas (socialmente significadas através da construção identitária baseada em polos hierarquicamente estabelecidos entre masculino e feminino) em desigualdades sociais. Com base nessa compreensão, passamos a observar, interpretar e questionar as formas e o conteúdo de ser e estar no espaço, especificamente nos grupos femininos e de mulheres.

Pesquisas recentes, como as de Lindo (2021) e Silva e Cesar (2021), revelaram que há, no Brasil, geógrafas e geógrafos, em diferentes espaços, denunciando, resistindo e buscando direitos referentes ao gênero e às sexualidades. “Há grupos de pesquisa, pesquisadoras, pesquisadores e estudantes que tensionam o campo de poder hegemônico e hierárquico do saber com suas produções e posicionamento acadêmico (LINDO, 2021, p. 279)”. Estudos constata-

que há um aumento de trabalhos apresentados com esta temática por grupos de trabalhos (GTs) em eventos nacionais e internacionais, bem como mais dissertações e teses em Programas de Pós-Graduação em Geografia no Brasil, nos últimos dez anos.

Pensar e discutir sobre o lugar das mulheres em uma sociedade patriarcal nos permitiu elaborar perguntas relacionadas ao universo do futebol e ao país do futebol, que, de início, não democratizou a prática esportiva para todos os grupos sociais, tampouco fazia questão da presença de mulheres, pobres e pretos. No entanto, apesar das desigualdades de gênero e raça, mulheres e outros grupos que desejaram participar do universo futebolístico lutaram e construíram relações afetivas nesse espaço.

Vale lembrar que Massey (2008) nos conduz para a compreensão dos espaços pluralizados, nos quais os sujeitos constroem trajetórias, principalmente com outros grupos também pluralizados. A autora ainda considera que o espaço está sempre em um processo de construção. E entendemos o futebol como produto e produtor do espaço geográfico, como um sistema dinâmico capaz de reproduzir a sociedade que vivemos, assim como seus ideais. Por essa razão, o futebol deve ser um espaço democrático, politizado e debatido. Logo, pode ser um assunto acadêmico, pesquisado e discutido por mulheres, por geógrafas, inclusive para compreender as vivências de outras mulheres.

Silva (2009) afirma que, na Geografia tradicional e clássica, há grandes esvaziamentos no que se refere a trabalhar temas a respeito de gênero e/ou de interseccionalidades. É um tema recente no âmbito acadêmico e, principalmente, na ciência geográfica. Então, pesquisamos, no catálogo de dissertações e teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como pesquisadores (as) da área geográfica trabalharam temas que envolvessem Geografia, gênero e futebol. Selecionamos, na área de Geografia, teses e dissertações entre os anos de 2010 a 2019. Utilizamos os termos de pesquisa “torcedora” e “futebol”. Não encontramos nenhuma pesquisa relacionada à palavra torcedora; com a palavra futebol, encontramos 34. Dessas 34, 21 eram relacionados a futebol e Geografia.

Analisamos as palavras-chaves e notamos a repetição de alguns termos, por exemplo: Megaeventos/Grandes eventos (7 vezes); Copa do Mundo (6 vezes); Futebol (4 vezes); Maracanã (2 vezes); Produção do Espaço (2 vezes). Muitos textos foram elaborados na perspectiva de compreender as influências da Copa do Mundo de 2014, que aconteceu no Brasil, principalmente no que diz respeito à mobilidade urbana e à questão dos megaeventos. Também há pesquisas com foco no mercado, na política, na cultura, na temperatura, no planejamento

urbano. Das selecionadas, nenhuma relacionava Gênero, Futebol e Geografia, mais um motivo para justificar nossa temática.

Ouvimos o relato de mulheres que frequentam essas localidades entendidas como masculinizadas, como os estádios, os bares (nos dias de jogos), as ruas do entorno do estádio em dia de jogo, os ônibus dos torcedores, a casa de pessoas, entre outros. Também pesquisamos, na historiografia, a presença das mulheres na construção do futebol. Queríamos entender seus papéis no dia a dia do esporte. Com isso identificamos as narrativas de um grupo de mulheres de idade, sexualidade e etnia diferentes, torcedoras da dupla Grenal, vinculadas às formas do machismo vivenciado por elas. A seguir apresentamos alguns aspectos do futebol a partir de uma perspectiva de gênero.

Futebol e Mulheres

Alabarces (2012) afirma que o futebol surgiu na Inglaterra no século XIX. Entende-se que os ingleses espalharam o esporte bretão nos países colonizados (invadidos). Para Giulianotti (2002), o futebol feminino e a presença efetiva de mulheres nos estádios cresceram significativamente no período entre guerras na Inglaterra. Os homens, ao se depararem com a presença cada vez maior dessas mulheres, entenderam que essa atitude poderia ser uma ameaça ao futebol masculino e, dessa maneira, a Associação de Futebol Inglesa comandou os clubes ingleses para que parassem de abrir espaço para a presença de jogadoras e/ou torcedoras.

É possível compreender como o esporte futebolístico representa e espelha a sociedade:

O futebol profissional tornou-se representação exclusivamente masculina da comunidade fundadora. Até a década de 1960, o futebol ajudou a reproduzir a divisão sexual moderna do trabalho e lazer. Os homens dominavam os ambientes de trabalho e o espaço público (tais como estádios de futebol), enquanto às mulheres era relegado o domínio particular da casa (GIULIANOTTI, 2002, p. 197).

No século XXI, constatamos aumento da participação de mulheres no meio esportivo do futebol, todavia, os números ainda são baixos quando comparados à presença de homens nesses espaços. Segundo Giulianotti (2002, p. 200), “o aumento de jogadoras registradas foi repentino, chegando a 25.000 só na Inglaterra [...]”. O mesmo movimento acontece com as mulheres torcedoras, como mostra levantamento feito pelo *SportTV7*, no ano de 2016, quando o clube Internacional liderava a porcentagem de mulheres sócio-torcedoras, chegando à porcentagem de 22%, seguido do Corinthians, com 19%, e do Santos e do Grêmio, com 15%.

Também é interessante atentar para o papel dos meios de comunicação, os quais, apesar de noticiar ou mencionar a situação das mulheres no futebol, ainda tem um foco predominante no público masculino. Ações em clubes vêm sendo feitas e tomadas para mudar isso, muito pela reivindicação de mulheres nesse espaço. Giulianotti (2002, p. 208) traz que “Os clubes de futebol e as autoridades não são, claro, responsáveis pela educação [...]”, porém, “[...] reproduzem essas profundas desigualdades ao abrir o futebol para um desagrilhoado sistema de mercado, prejudicando as pessoas por causa de sua classe (e, da mesma forma, e sua raça e gênero)”.

Diante dos elementos apresentados e considerando a diversidade de gênero, idade, etnia e o meio futebolístico construído como masculino, questionamos: quais são as narrativas das mulheres torcedoras da dupla Grenal com relação ao machismo (que proíbe, silencia, constrange, violenta física e psicologicamente suas ações) em suas respectivas trajetórias de vida? Para responder parte desta problemática, compartilhamos o resultado da técnica de *Relief Maps* ou mapas de relevo (Rodo-de-Zárate), que focou na subjetividade, nas trajetórias e nas experiências das mulheres entrevistadas.

As ciências humanas deram passos relevantes no final do século XX e no decorrer do século XXI a respeito de dados sobre vulnerabilidade social e preconceitos sofridos por grupos minoritários. Questões de raça, gênero, sexualidade e classe fazem parte das relações de poder da vida cotidiana humana. Isto é, convivemos hoje com um certo reconhecimento público e judicial (num contexto ocidental) sobre homofobia, misoginia e racismo, graças à luta popular, à educação e à pesquisa.

A partir de acontecimentos sócio-históricos que formaram diferentes estruturas de opressão, a feminista e pesquisadora Kimberlé Crenshaw (2002, 2004), reflete em suas obras a necessidade de analisar todas os corpos discriminados. Diante de tantas subordinações, algumas realidades ficam esquecidas no que condiz com a formulação de políticas públicas, a declaração dos direitos humanos, as organizações populares ou as normas jurídicas. Tal esquecimento e “obscurecimento” criam um problema de exclusão. Dessa maneira, para explicar os eixos de discriminação que atravessam, sobretudo, o corpo de uma mulher negra, a autora usa o conceito de interseccionalidade:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam

desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Para a autora (2002, p. 173), nas relações sociais, uma mulher negra vivencia o machismo de um modo diferente de uma mulher branca, e isso ocorre da mesma maneira ao comparar a vivência do racismo de uma mulher negra com um homem negro. Não há, dessa forma, como desconsiderar as identidades sociais de um determinado corpo, pois “tais elementos diferenciais podem criar problemas e vulnerabilidades exclusivos de subgrupos específicos de mulheres, ou que afetem desproporcionalmente apenas algumas mulheres” (CRENSHAW, 2002, p. 173). A autora (2002) ainda cita algumas realidades de mulheres em situação de tráfico sexual, em que a maioria delas são negras ou mulheres imigrantes e pobres, as quais, frequentemente, sofrem abusos sexuais. Nesse sentido, a estrutura social de classes atravessa com outras estruturas de gênero, raça, sexualidade, etnia e religião, criando um contingente de vulnerabilidades sociais.

A importância de um olhar interseccional exige, portanto, um esforço de compreensão sobre a vivência e a identidade de um corpo. Atualmente, pesquisadoras e pesquisadores vêm procurando maneiras de inclusão de pautas e metodologias interseccionais. Para Crenshaw (2002), uma opressão deve partir do específico e não de uma categorização. Segundo a autora, a pergunta a ser feita em uma pesquisa de gênero é: “Como as mulheres vivem suas vidas?” (p. 182). E, desse modo, fazer com que as subordinações de classe, etnia, gênero, sexualidade, religião e idade, entre outras, não fiquem irrelevantes e excludentes no olhar da pesquisa.

A interseccionalidade é um conceito relativamente “novo” e em processo de descoberta para uma grande parte de pesquisadores e pesquisadoras da ciência geográfica. Por isso, na sequência, apresentaremos uma ferramenta de análise que demonstra a relação entre espaço e interseccionalidades.

Relief Maps

O *Relief Maps* é uma metodologia de pesquisa qualitativa criada e desenvolvida por Maria Rodó-de-Zárate. O objetivo desta metodologia foi o de demonstrar de forma interseccional as violências sofridas por grupos subalternizados da sociedade, além de considerar os privilégios que cada conjunto de indivíduos tem. A autora (2014) afirma que os

mapas revelam como se manifestam as relações de poder de forma espacial, ou seja, como se dá a interação de privilégios e opressões em determinadas localidades do espaço geográfico.

Com essa metodologia, não apenas os estudos de gêneros ganham novas nuances, como toda a análise social das relações interseccionais. Sua criadora diz que o *Relief Maps* auxilia a conceituar a interseccionalidade, levando em consideração a produção do espaço e as relações de poder. Ela reitera que:

Além disso, eles mostram como a interseccionalidade pode oferecer chaves importantes para a compreensão da produção do espaço, mas ao mesmo tempo situar o lugar como um elemento fundamental dimensão a ser considerada ao trabalhar a interseccionalidade. Mapas de relevo dão um passo a avançar no estudo de Geografias de Interseccionalidade, como uma análise da dinâmica de poder e da desigualdade como algo vivenciado e espacial, relacionando profundamente o espaço com interseccionalidade e propondo um instrumento metodológico para conceituá-la e fomentá-la pesquisa empírica que pode explicar a experiência vivida (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 20).

Cada sujeito cria sua própria espacialidade por meio de experiências individuais e coletivas em diferentes lugares. Por consequência, essas vivências podem ser analisadas e visualizadas pelos mapas de relevo. Para a autora (2014), o *Relief Maps* é uma forma nova de coletar e analisar dados. A metodologia precisa também estar alinhada a entrevistas; sendo assim, para a técnica ser desenvolvida, é necessário que se façam questões alinhadas para a visualização em mapa.

Com isso, os “mapas de relevo” relacionam três dimensões: estruturas de poder, experiência vivida e lugares. “As estruturas de poder são a dimensão social” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 5). Dessa maneira, o que pode ser considerado são estruturas que se tornam relevantes para a análise da sua própria pesquisa interseccional. Na nossa pesquisa, escolhemos cinco estruturas de poder: gênero, orientação sexual, idade, etnia e renda. Mulheres interagem em espaços considerados masculinos, e temos a opção pelo olhar interseccional e pelo *Relief Maps*, que carrega o pano de fundo da não exclusão, partindo do pressuposto da defesa da mulher por espaço, voz e vez no futebol.

Na sequência, a experiência vivida é relacionada com a dimensão psicológica, além de abordar as narrativas singulares das pessoas entrevistadas e entender como a desigualdade/opressão é vivenciada. E, finalmente, determinamos os lugares. Rodó-de-Zárate (2014) classifica os lugares em quatro tipologias: 1) Lugares de opressão – relacionado com as estruturas e as experiências vividas, a/o entrevistada/o se sente oprimida/o em determinada localidade e por variadas razões que são descritas nas entrevistas; 2) Lugares controversos –

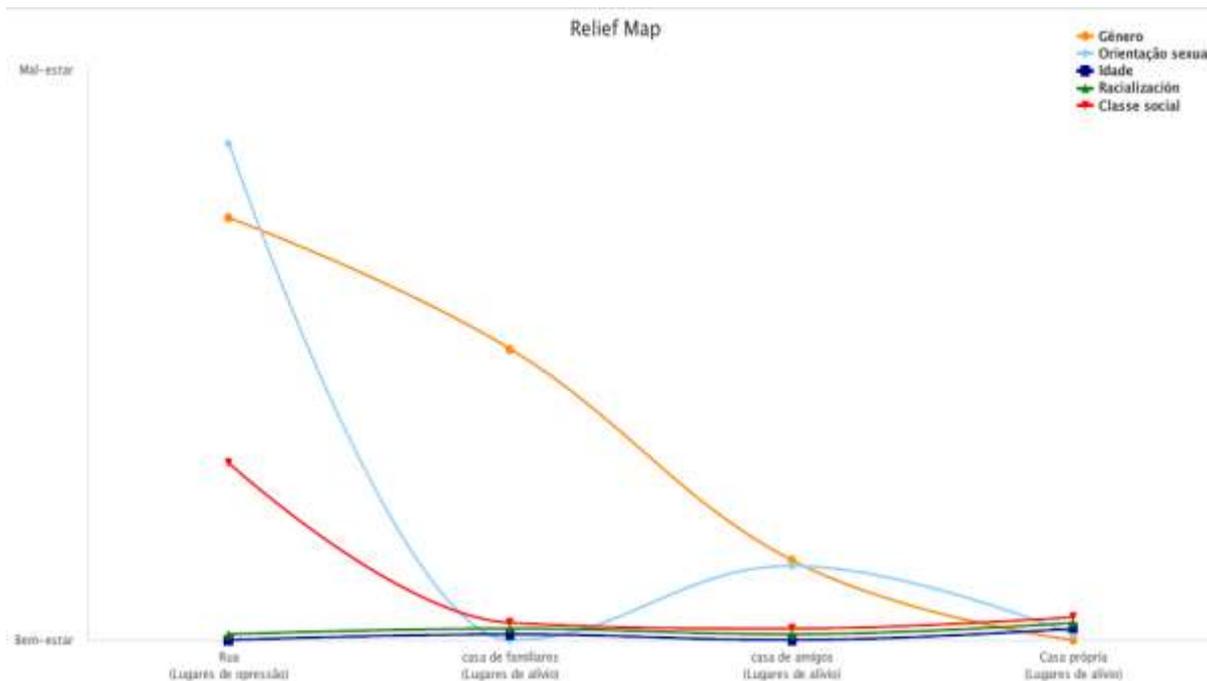
a/o entrevistada/o sente desconforto diante de alguma identificação própria; 3) Lugares neutros – perante as identificações de cada entrevistada/o, não há nenhuma acentuação relevante; 4) Lugares de alívio – frente às identificações, a/o entrevistada/o se sente confortável em permanecer em tal localidade.

Para desenvolvermos os mapas de relevo, estruturamos entrevista com treze perguntas separadas em quatro blocos. O primeiro bloco foi destinado à apresentação geral da entrevistada e aos apontamentos dos lugares que são frequentados para acompanhar futebol. O segundo bloco focou na trajetória da entrevistada na infância, desde o seu primeiro contato com o futebol – se houve influências masculinas ou femininas para gostar do esporte – até a sua prática. O terceiro bloco buscou conhecer a vivência da torcedora na adolescência, alinhando a construção da sua orientação sexual e o envolvimento com o esporte. O quarto e último bloco investigou a vida adulta/presente, trazendo o contato com o futebol e mencionando as práticas machistas e de violência enfrentadas pelas mulheres torcedoras.

As entrevistas aconteceram de forma remota, devido à pandemia de COVID-19. Os encontros aconteceram pela plataforma *Google Meet*, e as entrevistadas elaboraram os mapas *no site* <https://www.reliefmmaps.cat/pt>. As torcedoras, durante a construção do *Relief Map*, trouxeram os lugares que frequentam para acompanhar futebol e os classificaram como proporcionadores de bem a mal-estar e se são lugares de opressão, controverso, neutro ou de alívio, conforme as suas identificações nas estruturas de poder.

Antes de relatar a vivência das torcedoras, vamos explicar os elementos dos mapas. No canto esquerdo, eixo vertical, temos a classificação de bem-estar a mal-estar. No eixo horizontal, estão os lugares que a torcedora frequenta para assistir futebol e já classificados em alívio, opressão, neutro e/ou controverso. Por fim, temos as linhas coloridas que correspondem à legenda: gênero em laranja; orientação sexual em azul claro; idade em azul escuro; etnia em verde; classe social/renda em vermelho. A seguir, apresentaremos três exemplos de *Relief Maps* com três das seis entrevistadas (figuras 1, 2 e 3). Todas as entrevistadas foram identificadas com nomes jogadoras (2022) dos clubes Grêmio e Internacional.

A torcedora Mayara, de 25 anos, mulher branca, identifica que não se sente oprimida em relação a sua cor/etnia e quanto à sua idade nos lugares que frequenta, como demonstra a sua linha, a qual permanece em bem-estar constante.

Figura 1 – Relief Map da entrevistada Mayara

Fonte: Pereira (2022). Elaborado no site www.reliefmaps.cat/pt.

Por ser uma mulher de orientação sexual lésbica, a entrevistada identifica um constante desconforto na rua, principalmente no que se refere a dias de jogos, pois a torcedora não performa os padrões de feminilidade esperados. Também por identificar-se como mulher cis lésbica, a sua linha do gênero mostra mal-estar e desconforto perante a localidades, como rua e casa de familiares. Para a entrevistada, a sua própria residência é o único local que apresenta as cinco estruturas em bem-estar total. Em uma de suas falas, Mayara relata sobre a violência e sua aparência:

[...] vocês não tão me vendo, mas eu tenho cabelo curto e as vezes eu passo por homem, pra um que tá com raiva é só vir por trás. [...] Então é o medo que a gente sente e pelo fato de eu também não representar ser uma mulher, eles pulam. E, também por eu ser mulher, que a gente sabe que o homem agride, isso não é um impeditivo.

Segundo a torcedora, em um determinado momento de sua vida, ela se afastou do futebol porque ele representava a masculinidade:

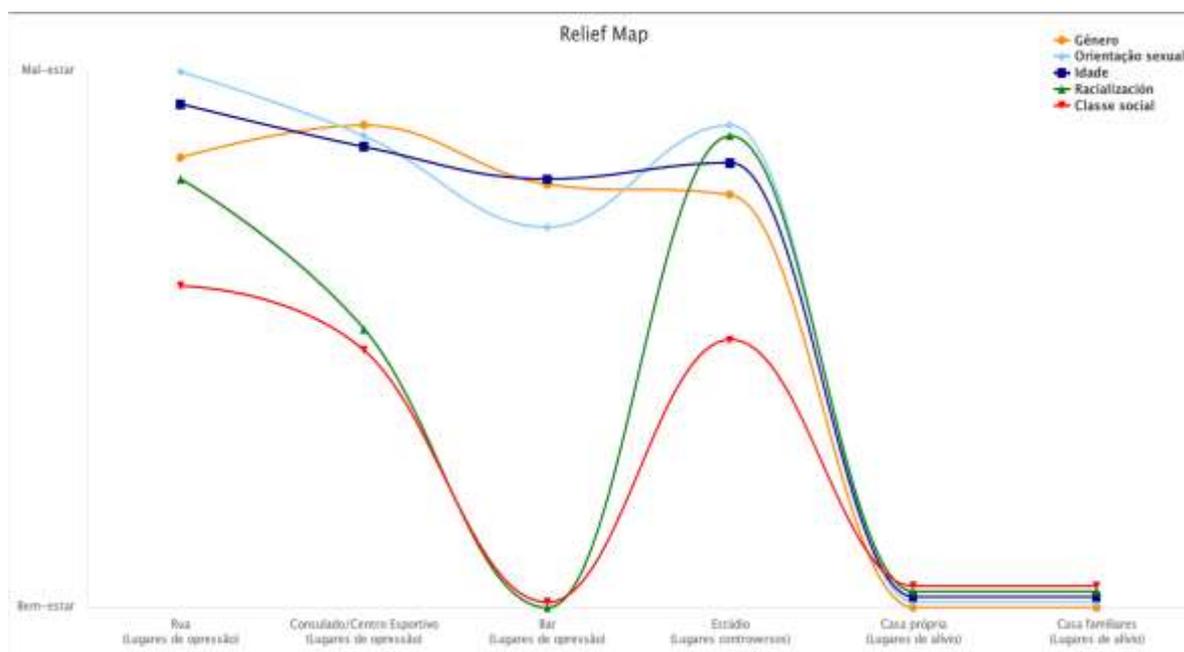
Assim ó, a mulher gosta de futebol, tem mulher que gosta de futebol, mas não fala. Foi que nem aconteceu comigo, eu queria jogar, eu queria torcer, mas teve um periodozinho da minha vida que eu tive que esconder isso porque isso

é para homens e não adianta. [...] Então quando eu fui jovem eu me afastei do futebol porque eu pensava não, as pessoas não podem saber que eu gosto porque é coisa de homem e eu sou lésbica, não quero que me associem, não quero que descubram.

Além de representar o estigma masculinizado, o fato de a torcedora se identificar como lésbica afetou sua participação, pois a orientação sexual foge da heteronormatividade.

Na sequência, observamos o mapa de relevo de Mônica, de 24 anos, mulher negra e bissexual (Figura 2). O mapa apresenta linhas sinuosas, revelando a rua, o centro esportivo e o bar como lugares de opressão, o estádio como um lugar controverso e sua casa e a de familiares como lugares de alívio.

Figura 2 – *Relief Map* da entrevistada Mônica



Fonte: Pereira (2022). Elaborado no site www.reliefmaps.cat/pt.

A linha em verde, identificada como etnia, demonstra desconforto na rua, no centro esportivo e estádio, ou seja, basicamente a torcedora sente mal-estar em lugares públicos. Por identificar-se como bissexual, Mônica também demonstra desconforto em todos os lugares públicos, tendo cem por cento de conforto apenas em sua própria e na de seus familiares. A torcedora relatou que em dias de jogos não frequenta os espaços públicos mencionados em seu mapa sozinha por medo de se colocar em situação de perigo por estar em um espaço no qual a performatividade da masculinidade e as atitudes machistas são exacerbadas. A torcedora

menciona em trecho da entrevista que se alguém a violentasse nos lugares mencionados, em um dia de jogo, ela provavelmente não faria nada, por não se sentir segura. Assim ela se manifesta:

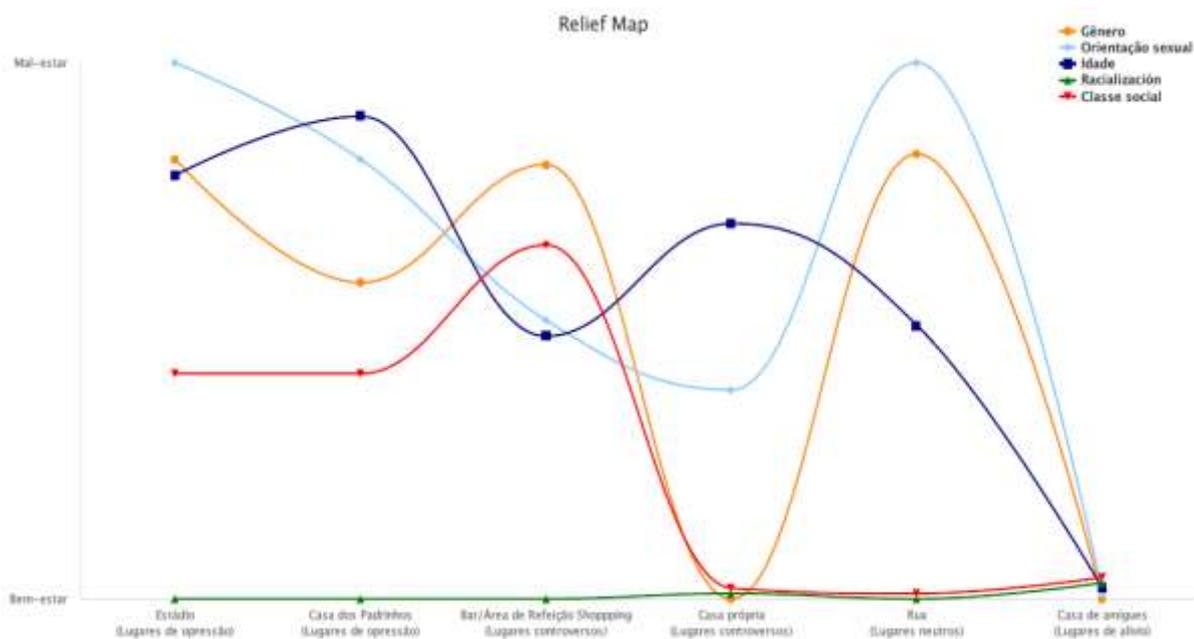
Se alguém mexer comigo eu vou ter que pegar, baixar a cabeça e ficar quieta, porque a gente não sabe o que as pessoas tão carregando, quem que é essa pessoa, a pessoa tem dificuldade, então tipo, tem que infelizmente não revidar, não só na...nessas, ali no consulado, mas em qualquer festa é assim também sabe?! Então a gente tem que ignorar pra não acontecer o pior. Aqui a violência é muito explícita, tipo a gente tá vendo e a gente vê muita notícia horrível, coisa que a gente nunca viu, sabe?!

Quando questionada se muda de comportamento nesses lugares citados, a torcedora respondeu que sim. Também salientou que, se fosse sozinha ou com uma namorada nestes lugares, teria que se comportar de modo diferente, por sentir medo. Afirma sentir-se mais segura quando está acompanhada de um homem:

Eu acho que eu iria me sentir um pouco...tipo, não ia torcer na intensidade que eu torço com o fulano, sabe? Eu acho que eu ia me sentir um pouco mais acuada, ia ficar só de boa olhando pra tela. A gente torce, torce pela emoção, gritando enfim, mas se eu tivesse sozinha eu ia ficar mais de boa sabe.

O mapa e o relato de Mônica revelam como ela percebe e vive o binarismo de gênero e outras estruturas de poder nos diversos lugares da vida, assim como as necessidades de criar estratégias para se proteger de violências.

O último exemplo é de Djeni, mulher branca, de 29 anos, que se identifica como bissexual e apresenta diversos pontos sinuosos em seu mapa. No entanto, em uma sociedade racista como no Brasil, é fácil entender por que há uma constância na linha verde de etnia da entrevistada. A torcedora frequenta diversos lugares para acompanhar o esporte e classificou alguns como lugares de opressão, como a casa dos padrinhos e o estádio.

Figura 3 – Relief Map da entrevistada Djeni

Fonte: Pereira (2022). Elaborado no site www.reliefmaps.cat/pt.

Djeni entende que, nestas localidades, a opressão em volta de sua identidade é extremamente considerada como desconfortável, principalmente no que se refere a seu gênero e sua orientação sexual. O lugar que apresenta alívio a essa torcedora é identificado como a casa de seus amigos, onde todas suas identidades estão entendidas como em um bem-estar total. Ou seja, nos espaços em que a torcedora não sente alívio, ela indica que “*não é pelo fato do futebol, é pelo ambiente*”. Entende-se, dessa maneira, que pessoas que constroem esses espaços no dia a dia são quem afetam e ameaçam outros diversos grupos, neste caso, mulheres torcedoras.

Em comparação, os três mapas apresentam pontos similares e distintos. As três torcedoras sentem desconforto e opressão pela identificação do seu gênero na rua, que se torna um local de transição para outros serem ocupados. Mônica, diferentemente de Mayara, aponta que sua etnia lhe causa desconforto quando permanece em espaços, como a rua e o estádio, identificados como lugares de opressão e controverso, respectivamente. A orientação sexual das três também é identificada em desconforto em alguns espaços, pois não apresentam heteronormatividade esperada pela sociedade ocidental e católica. Todas as torcedoras mencionam que sempre mudam seus comportamentos nesses lugares, uma vez que, a partir disso, “evitariam” qualquer desconforto e assédio vindo de ações machistas cotidianamente

enfrentadas nessas localidades. Também pensam nas roupas que vão usar em determinados espaços, tal como relata a torcedora Djeni:

Sim. Eu ia ter que pensar minha roupa, porque hoje, mesmo com as violências que eu já passei de ser apalpada e perseguida na rua, são coisas que eu penso muito, eu ficaria alerta o tempo inteiro, posso não ter sofrido assédio em relação direta com o futebol, mas eu sei que nesse espaço eu teria que me comportar de uma maneira muito cuidadosa, com muita atenção. Não acho um espaço seguro.

Os mapas de relevo possibilitam que o empirismo possa ser visualizado nesta técnica, como já afirmou Rodó-de-Zárate (2014), além de “identificar cada lugar que aparece nas entrevistas e tentar situá-lo em uma escala permite uma análise a partir de um ponto de vista geográfico da relação entre lugares e experiências” (p. 14). Ou seja, o *Relief Maps* possibilita a intersecção entre a experiência vivida e a técnica metodológica, permitindo que dados qualitativos sejam bem expressados e posteriormente interpretados.

Os exemplos possibilitam-nos compreender como a “experiência é determinada, simultaneamente, por uma variedade de posições em diferentes estruturas sociais no local” (RODÓ-DE-ZÁRATE, 2014, p. 7), mesmo que as categorias sejam dinâmicas, pois “levando em consideração as diferentes estruturas de poder e suas diferentes dimensões, os mapas de relevo lançam luz não apenas sobre as posições marginalizadas nas estruturas, mas também nos privilegiados” (p. 7).

Considerações finais

Eis o desafio que nos impõe a inter-relação entre as desigualdades e sua espacialização. As relações produtoras de desigualdades atravessam as múltiplas formas de apropriação social do espaço: zonais e reticulares, de tempo histórico profundo ou efêmeras, com temporalidades lentas ou rápidas. As desigualdades, inclusive, podem combinar ou colocar em contradição as múltiplas formas de ser e estar espacialmente, como no caso das multiterritorialidades na cidade: a territorialidade de tempo lento do carrinho de um catador de materiais recicláveis, em conflito com as territorialidades do tempo rápido no trânsito e no comércio; a territorialidade precarizada e de tempo rápido de um trabalhador ambulante durante seu expediente e a desaceleração de seu próprio tempo nos momentos/espços de lazer e religiosidade, por exemplo. Morar, trabalhar e buscar serviços e relacionar-se contêm variáveis geográficas complexas. A heterogeneidade das espacialidades humanas e a desigualdade revelada exigem

também acuidades para as relações de gênero, pois fenômenos espaciais exigem novos caminhos compreensivos que vão além da tradição geográfica dos sujeitos genéricos, apenas localizados socialmente em termos de classes. Daí a categoria gênero como um elemento analítico para a compreensão da produção do espaço, através da perspectiva teórica das “Geografias Feministas”.

O Feminismo latino-americano, com base em Gargallo (2007) e Alvarez (1998), é aquele que denuncia a relação entre o colonialismo, o racismo e as desigualdades econômicas, de oportunidades e de acesso aos serviços públicos. Trata-se de uma chave de leitura para as visibilidades que pretendemos alcançar com os estudos de gênero, como nos casos do futebol aqui apresentados. É um movimento plural e repleto de disputas, que dá voz ao feminismo indígena, ao feminismo lésbico, ao feminismo de lutas populares. É um campo de ações que se dá nos lugares, impregna-se com a cultura local e volta para o todo. O Feminismo faz permanentemente este movimento unindo o mundo ao lugar, a história que se faz e a história que já foi feita, o futuro e o passado que aparece como presente. É uma construção histórica e, portanto, social, a partir das relações de poder (concreto e simbólico) que envolvem, concomitantemente, sociedade e espaço geográfico.

Ao aplicar a metodologia de Rodó-de-Zárate, pudemos entender como a desigualdade se manifesta em diferentes espaços para diferentes mulheres torcedoras de futebol. O *Relief Map*, que não deve ser confundido com um gráfico (como afirma a autora), revela a representação simbólica da experiência vivida, das estruturas de poder e dos lugares das mulheres pesquisadas. Selecionando um grupo de mulheres interseccionais, a visualização dos privilégios (renda e etnia) e das opressões se mostra de maneira efetiva, uma vez que, em um mesmo bar, as experiências vividas são completamente diferentes.

Diante do exposto, nossa proposta foi compartilhar um estudo específico relacionado ao universo das torcedoras de futebol de Porto Alegre e, ao mesmo tempo, compartilhar e organizar ideias que nos levem a novos questionamentos e investigações não comuns à Geografia Tradicional. Identificamos que todas as torcedoras entrevistadas sofreram e tiveram algum tipo de vivência com ações e atitudes machistas nos espaços selecionados em cada mapa. Também identificamos que muitas delas preferem não sair sozinhas, para evitar qualquer tipo de constrangimento e/ou qualquer coisa que fira sua integridade física, psicológica e moral. Visualizamos, por meio da metodologia interseccional, a relação das mulheres com os espaços domésticos. O lugar “residência de familiares”, “residência da entrevistada”, “residência de

amigos da entrevistada” são representados nos *Relief Maps* como espaços neutros e de alívio e bem-estar, quando o assunto é torcer pelo futebol.

Verificamos que a luta pela trajetória das mulheres torcedoras no espaço machista e de desigualdades é constante. Através de seus relatos, entendemos os seus sentimentos em relação ao futebol, às opressões e aos locais que frequentam. E, por consequência, clamamos por um mundo menos desigual, em que diversos grupos possam performar livremente sem que o medo nos paralise; por uma esfera futebolística que dê vozes a torcedoras, jornalistas, narradoras, jogadoras e todas que constroem esse espaço e que lutam pela diminuição de qualquer forma e expressão de violência.

Referências

- ALABARCES, P. **Crónicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capita Intelectual, 2012.
- ALVAREZ, S. Feminismos Latinoamericanos. **Estudios Feministas**, v. 2, p. 265-284, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.
- BRESQUE, G. A. **Virilidade e produto midiático: O Grenal como diferenciador do futebol gaúcho**. 2020. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil, 2020.
- BUTLER, J. Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. **Theatre Journal**, v. 40, n. 4, 519-531, 1988.
- CAMPOS, F. R. G. Futebol e Geografia: possibilidade de apreensão através do conceito de espaço de representação do futebol. *In: I Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações*, **Anais**, v. 1, p. 1-14, 2006.
- CESAR, T., Silva, J. Geografia brasileira, poder, gênero e prestígio científico. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 244-258, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12473/pdf>.
- CRENSHAW, K. A interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **VV. A. A. Cruzamento: raça e gênero**, p. 7-16. Brasília: Unifem, 2004.
- GARGALLO, F. Feminismo Latinoamericano. **Revista Venezolana de Estudios de la Mujer**, jan.-jun. 2004, p. 17-34.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas de Gênero – Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Atlas da Violência 2021**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/5141-atlasdaviolencia2021completo.pdf>.

LINDO, P. Mapa da pesquisa de gênero na Geografia Brasileira (2010 a 2019): sistematização e análise. **Revista da ANPEGE**, v. 17, n. 32, p. 259-281, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12488>.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PEREIRA, Stéfany. **O machismo na trajetória de vida de seis mulheres torcedoras da dupla grenal**. 2022. 87 f. TCC (Graduação) – Curso de Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Erechim, 2022. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5626>.

RODÓ-DE-ZÁRATE, M. Developing geographies of intersectionality with Relief Maps: reflections from youth research in Manresa, Catalonia. **Gender, place & culture**, v. 21, n. 8, p. 925-944, 2014. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/0966369X.2013.817974>.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.

SILVA, J. M. (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2009. Disponível em: <https://www.todapalavraeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/04/E-book.pdf>.

SILVA, J. M. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj/article/view/1343>.

SILVA, J. M. Amor, paixão e honra como elementos da produção do espaço cotidiano feminino. **Espaço e cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n. 22, p. 97-109, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/3515>.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J. Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes. **Journal of Latin American Geography**, v. 19, n. 1, p. 163-171, 2020. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/744044>.

SILVA, J. M.; ORNAT, M. J., Chimin Junior, A. B. (org.) **Espaço, gênero e masculinidades plurais**. Ponta Grossa, PR: Todapalavra, 2011.

TEIXEIRA, R. de A. **A mulher no futebol: O bullying e o cyberbullying no contexto de gênero.** 2016. 63 f. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, Brasil, 2016.

TREVISAN, M. **A história do futebol para quem tem pressa.** Rio de Janeiro: Valentina, 2019.

Recebido em 09 de maio de 2023.

Aceito em 04 de julho de 2023.

Publicado em 14 de agosto de 2023.